

# Waldemar Bastos

apresenta o seu novo álbum

*Renascence*

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

*Culturgest*

## MÚSICA 13 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h15 (sem intervalo)

---

**Voz e guitarra** Waldemar Bastos **Guitarra** Mandjeku Lengo, Bibi Hammond **Percussão** José Araujo  
**Bateria** Elias Kakomanolis **Técnico de som** Jorge Pino

---



# Biografia

I · 1954-1982

## INFÂNCIA – ANGOLA

Waldemar Bastos nasceu em Angola, numa pequena povoação, N’Banza Congo, na fronteira com o Zaire. Pai e mãe eram enfermeiros. Começou a cantar ainda muito pequeno:

“Quando era criança a minha mãe cedo se deu conta de que eu tinha um dom especial para a música. Passava os dias a cantar e a assobiar, a minha mãe apercebeu-se que eu era um pouco especial e apoiou-me sempre.

“Um dia o meu pai chegou a casa e deu comigo a tocar na sua concertina. Fiquei aflito por ter sido apanhado a tocar, sem licença, num instrumento que para ele era quase sagrado. Mas ficou agradavelmente surpreendido sobretudo, penso eu, porque tocava canções populares que se ouviam na rádio. No Natal seguinte deu-me de presente um acordeão...”.

A partir de então o jovem Waldemar dedicou-se de alma e coração à música. Com 8 anos ouviu um anúncio na rádio de um professor que dava aulas de música. Falou nisso aos seus pais que acharam bem a ideia. Como o dinheiro não chegava para tudo, teve aulas, mas abdicou de receber uma bicicleta de presente.

Com o Sr. Gomes, Waldemar aprendeu facilmente muitas coisas sobre música, mas como tinha um ouvido muito bom, depressa perdeu interesse pelas notas e começou a sua aventura pelo mundo dos sons. Por essa altura desenvolveu uma confiança quase exclusiva na sua intuição e no seu ouvido.

Formou a banda “Jovial”, juntando o seu irmão Lúcio, Fernanda, a filha do professor, e outros amigos, com a qual viajou pelo país, tocando nos liceus, nas festas de aniversário, *reveillons*, etc.

“Durante vários anos, quando era rapaz, participei em várias bandas e viajei por Angola tocando todos os géneros de música: pop, rock, blues, tangos, valsas, etc., mais o que aprendi com o meu pai e a minha mãe e nos sítios por onde viajei.

“A minha música é definida pela minha experiência de vida, exalta a identidade angolana e apela a uma fraternidade universal. Amadureci. Tudo o que absorvi de outras culturas e de vários estilos musicais – e viajei bastante – que me inspirou beleza, é parte do que faço agora. Por isso é para mim gratificante quando oiço ou leio críticos dizer, como aconteceu recentemente nos EUA, que a minha música é universal. Não é uma música regional, dirige-se a pessoas de todo o mundo.

“Este é o meu objectivo central e muito sincero: contribuir para a harmonia entre os povos! Para mim, é essa a primeira e a principal finalidade da Arte”.

Durante a época colonial, Waldemar Bastos foi uma vez preso pela PIDE, a polícia política. Não por desenvolver actividade política. Estava no liceu, onde era um excelente estudante. A certa altura circularam uns panfletos na escola. Apesar da polícia saber que ele nada tinha com aquilo, prenderam-no na mesma.

“Não podiam prender toda a gente e como sabiam que, embora eu não estivesse politicamente envolvido, não concordava com o regime estabelecido e com o comportamento da polícia, apanharam-me e meteram-me na prisão. Na prisão escrevi algumas canções que mais tarde se tornaram conhecidas”.

Entretanto Angola ganhou a sua independência e seguiu um longo e tortuoso

caminho socialista. Foi um parto e um nascimento muito difíceis. Uma guerra fratricida estalou logo no início.

“O problema é que passei muitos anos sob uma grande pressão. Como cantor viajei bastante para os Países do Leste da Europa onde me apercebi do que lá passavam os músicos. Como acontecia em Angola, os artistas e os cantores tinham que apoiar o regime e isso para mim, tendo em consideração o que sinto que é a arte na minha vida, era chocante. Por isso decidi fugir. Fugi em 1982, durante uma visita a Portugal para participar no FITEI, integrado na delegação oficial angolana. Fiquei em Portugal e não voltei para Angola”.

Não ficou muito tempo em Lisboa. Foi para Berlim, na parte Ocidental, onde tinha alguns amigos e ao fim de uns meses partiu para o Brasil, onde conheceu músicos como Chico Buarque, João do Vale, Elba Ramalho, Djavan, Clara Nunes.

As coisas correram bem no Brasil, onde alguns dos músicos atrás referidos demonstraram, na prática, o significado do reconhecimento e da solidariedade. Waldemar acabou por encontrar uma editora interessada no seu trabalho, EMI-Odeon, e gravou o seu primeiro álbum, *Estamos Juntos*, um marco na sua carreira, que contou como convidados especiais, entre outros, Chico Buarque, João do Vale, Dorival Caimmy, Martinho da Villa e Novelli.

“Agradeço a Deus por tudo. Pelo reconhecimento e solidariedade dos músicos brasileiros. Mostraram a sua consideração ainda antes de eu ter gravado o meu primeiro disco. São pessoas fantásticas e músicos excepcionais.

“Percebi que o próximo passo no meu futuro musical passava pela Europa. Em 1985 fui para Portugal. Continuei a pagar por ter saído de Angola da forma como saí – fugindo de uma delegação oficial num país estrangeiro – e por teimosamente manter uma posição independente e não partidária”.

### III – 1986-1996

#### PORTUGAL – MATURIDADE

Cinco anos depois de vir para Lisboa, Waldemar gravou o seu segundo disco, *Angola, Minha Namorada*. A sua família, mulher e filhos, que tinham ficado em Luanda, vieram para Lisboa.

Em 1990, a seguir à edição do seu álbum, foi a Angola, onde ainda era muito popular. Em Luanda Waldemar apresentou um concerto memorável para 200 000 pessoas que o aplaudiram entusiástica e emocionalmente, agitando lenços brancos. Interpretou este gesto surpreendente como uma mensagem clara do povo – queria paz. Waldemar tinha o mesmo desejo, que está sempre presente no seu trabalho.

Dois anos mais tarde, em 1992, depois de gravar o seu terceiro álbum, *Pitanga Madura*, Waldemar voltou a Angola.

“Dado que o momento histórico era efervescente, se isso, por um lado, me trazia alegria, por outro senti-me muito apreensivo pela forma como eu era reclamado pelas duas partes.

“A situação tornou-se outra vez perigosa para mim e percebi que não era o momento exacto para ficar em Angola. Vim-me embora e, como se tornou dramaticamente claro mais tarde, essa decisão foi vital. Se tivesse ficado em Angola, como aconteceu com outros, provavelmente não estaria a cantar para vocês agora”.

Waldemar continuou a compor e a apresentar espectáculos em vários locais de Portugal, incluindo os Açores, onde foi frequentemente. Para ele, os Açores foram “uma fonte de oxigénio durante este longo exílio”. Também cantou em Cabo Verde várias vezes e em Moçambique, a favor das crianças vítimas da fome.

### IV – 1996-2002

#### O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Visitando Lisboa, David Byrne, mentor da editora Luaka Bop e ex-líder dos Talking Heads, comprou, por acaso, um disco de Waldemar Bastos. Mais tarde, porque gostou muito do que ouviu, contactou o músico e pouco depois Waldemar apareceu no disco *Afropea – Telling Stories to the Sea*, uma antologia de artistas lusófonos editada pela Luaka Bop.

A seguir a Luaka Bop editou *Pretaluz/Blacklight*, gravado em Nova Iorque e produzido por Arto Lindsay. O álbum teve excelentes críticas de algumas das vozes mais representativas da imprensa internacional (New York Times, Village Voice, USA Today, Herald Tribune, El País, Libération, Los Angeles Times, The Times, etc.). O New York Times considerou-o como “um dos melhores discos de World music da década”. No seguimento do disco Waldemar ganhou o “Prémio para o Artista Revelação do Ano” em 1999. Depois do sucesso por todos os Estados Unidos, com a distribuição do disco na Europa em 1998 Waldemar foi descoberto pelo público e pelos media europeus.

“Este processo de maturação foi desenvolvido, ou foi-me imposto, em grande parte, pelo sofrimento a que eu e a minha família fomos sujeitos. Ao ponto de o meu filho mais velho, Walter, um verdadeiro pacifista, ter sido assassinado. De mãos dadas com exemplos que me vieram de outros, tomei também consciência, através da minha própria experiência, que o caminho da vida é duro. Especialmente quando se luta com determinação e honestidade pelos valores da Humanidade e da Paz”.

Na sequência de digressões de sucesso pela Europa nos últimos anos, Waldemar Bastos chamou a atenção das autoridades e foi convidado para a abertura do festival da Unesco “Não Esqueçam África”, em Junho de 2000, nas Ilhas Canárias. Nesse mesmo ano,

foi convidado por Ryhuichi Sakamoto para fazer parte do projecto “Zero-Landmine”. A intenção deste projecto, sob os auspícios de Tokyo Broadcasting Service, com a cooperação de vários artistas internacionais como Arto Lindsay, Brian Eno, David Sylvian, Jacques Morelenbaum, e com a participação especial de Sua Santidade o Dalai Lama, para nomear apenas alguns, é apoiar o trabalho humanitário de “Halo Trust” de ajuda à limpeza das minas que infestam vários países.

Waldemar também foi convidado a participar num concerto privado para a família real do Mónaco e, entre outros, numa gala de caridade a favor da Fundação Grace Kelly.

“Podiam ter convidado qualquer um, mas enche-me de orgulho e alegria que tenham convidado um desconhecido artista africano em vez de alguma *superstar*. Não foi a fama o critério de escolha, mas o reconhecimento de um artista”.

Os tempos mudaram para Waldemar Bastos em 2003, quando, depois de 42 anos, acabou a guerra em Angola. Foi convidado para celebrar essa data especial com um espectáculo memorável no Estádio Nacional de Luanda em Abril de 2003. No fim, a sua luta pela unidade e irmandade foi recompensada.

Waldemar achou que chegara o tempo para realizar o seu sonho de gravar um “Afropean” álbum para o Séc. XXI. Depois de ter tomado esta decisão, os factos encadearam-se rapidamente e teve a hipótese excepcional de gravar o seu novo álbum *Renascence*. Tudo começou em San Pedro de Alcántara, em Espanha, onde reuniu alguns dos mais excepcionais músicos de África, do Congo a Angola, de Moçambique à Guiné. A jornada para uma nova expressão da música contemporânea africana começou.

A história continuou em Berlim, onde, enquanto gravava, convidou alguns jovens músicos de Portugal e da Martinica para fazerem parte deste projecto musical. Quando Waldemar decidiu ir até Istambul, onde foram gravadas as partes de cordas deste disco, mostrou mais uma vez que a música não tem fronteiras e é uma chave para unir as pessoas, uma ponte entre culturas. Finalmente, o caminho da música levou-o a Londres onde acabou, com o seu produtor Paul “Groucho” Smykel, a mistura de *Renascence*, o álbum cuja apresentação é feita hoje ao público de Lisboa.

MÚSICA 14 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30

## Remix Ensemble

### *¿Escola holandesa?*

Ao longo de vários séculos a produção musical gerou-se em torno de escolas de composição que deram origem a estilos muito particulares e que permitem identificar as obras musicais de acordo com diferentes localizações geográficas e grupos geracionais.

O programa deste concerto parte de uma interrogação sobre a existência de uma Escola Holandesa, sobre o estilo composicional de figuras dominantes da música Holandesa no último quartel do século XX, Louis Andriessen e Klaas de Vries, e a extensão da sua influência na obra dos seus alunos. Entre estes, encontram-se os compositores portugueses Vasco Mendonça e Nuno Côrte-Real, bem como uma das mais recentes revelações no panorama da música holandesa, o jovem compositor Michel van der Aa.

O Remix Ensemble é uma estrutura essencial da Casa da Música que acaba de completar cinco anos. Apresentou em estreia absoluta 28 novas obras de 23 compositores. Desde o seu início, sob a direcção de Stefan Asbury, o eclectismo do seu repertório revela-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz a par da promoção de numerosos *workshops* com grandes compositores nacionais e estrangeiros. Para além dos concertos que deu no nosso país, apresentou-se em Espanha, Holanda, Reino Unido e França. Em Janeiro deste ano esteve em residência no IRCAM, em Paris, a qual culminou com uma apresentação pública em concerto.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

## **Conselho de Administração**

**Presidente** Manuel José Vaz

**Vice-Presidente** Miguel Lobo Antunes

**Vogal** Luís dos Santos Ferro

## **Assessores**

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

## **Direção de Produção**

Margarida Mota

## **Produção e Secretariado**

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

## **Exposições**

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

## **Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

## **Publicações**

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

## **Actividades Comerciais**

Catarina Carmona

## **Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## **Direção Técnica**

Eugénio Sena

## **Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

## **Audiovisuais**

Américo Firmino

Paulo Abrantes

## **Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

## **Maquinaria de Cena**

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

## **Técnicos Auxiliares**

Tiago Bernardo

Álvaro Coelho

## **Frente de Casa**

Rute Moraes Bastos

## **Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

## **Recepção**

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## **Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

## **Culturgest, uma casa do mundo.**

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

